

O TRABALHO DOMÉSTICO E SUAS INTERLOCUÇÕES: UM ESTUDO NÃO METAFÓRICO/METAFÓRICO

Juliana Correia da Silva¹

Nildes Raimunda Pitombo Leite²

RESUMO

A importância deste artigo reside no fato de lançar luz sobre a possibilidade de um espaço contínuo de discussão acerca do trabalho doméstico e suas interlocuções entre centralidade, invisibilidade, remuneração e precariedade. Partindo-se de um estudo envolvendo duas perspectivas distintas e, observando-se tais interlocuções, encontram-se delineados dois objetivos. (1) na perspectiva não metafórica: caracterizar o trabalho doméstico realizado por trabalhadoras no estado de São Paulo, por meio de um *survey* exploratório. (2) na perspectiva metafórica: observar o trabalho doméstico, à luz do filme 'Que horas ela volta?' (2015), por intermédio de um estudo observacional em análise fílmica, como uma estratégia de pesquisa qualitativa, descritiva, indutiva, interpretativa e reflexiva. As trajetórias das trabalhadoras, na perspectiva não metafórica do estudo refletem vidas profissionais aliadas à precariedade. Apesar da migração dessas trabalhadoras para São Paulo, em busca de maiores ganhos, oportunidades de estudo e melhores ocupações profissionais, os resultados apontam para aumento da feminização da precariedade, da informalidade e da baixa renda. Tanto na perspectiva não metafórica quanto na metafórica, o cenário da relação patrão/patroa-trabalhadora, reproduz preconceitos, inseguranças e violações de direitos, constituindo-se alvo de histórias marcantes de sujeição, bem como fonte inesgotável de elementos de precariedade.

Palavras-Chave: Trabalho Doméstico. Interlocuções. Perspectivas.

EL TRABAJO DOMÉSTICO Y SUS INTERLOCUCIONES: UN ESTUDIO NO METAFÓRICO/METAFÓRICO

RESUMEN

La importancia de este artículo se justifica al lanzar luz sobre la posibilidad de un espacio continuo de discusión sobre el trabajo doméstico y sus interlocuciones entre centralidad, invisibilidad, remuneración y precariedad. Partiendo de un estudio que involucre dos perspectivas distintas y observando dichas interlocuciones, se esbozan dos objetivos. (1) desde una perspectiva no

¹Mestre em Administração pela USP. Bacharel em Administração pela UNIFESP. <https://orcid.org/0000-0002-4378-2378>.

²Livre-Docente em Administração. Docente do Departamento de Administração da Escola Paulista de Política, Economia e Negócios - EPPEN, Campus Osasco, Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP. <https://orcid.org/0000-0003-0802-9628>.

metafórica: caracterizar el trabajo doméstico realizado por trabajadoras en el estado de São Paulo, através de un *survey* exploratorio. (2) en la perspectiva metafórica: observar el trabajo doméstico, a la luz de la película 'Que horas ela volta?' (2015), através de un estudio observacional en análisis fílmico, como cualitativo, descriptivo, inductivo, interpretativo y reflexivo. Las trayectorias de las trabajadoras, en la perspectiva no metafórica del estudio, reflejan vidas profesionales aliadas a la precariedad. Apesar de la migración a São Paulo, en búsqueda de sueldos mayores, oportunidades de estudio y mejores ocupaciones profesionales, los resultados demuestran un crecimiento de la feminización de la precariedad, la informalidad y la baja renta. Tanto en la perspectiva no metafórica como en la metafórica, el escenario de la relación patrón/patrona-trabajadora, reproduce prejuicios, inseguridades y transgresiones de derechos, constituyéndose blanco de historias sobresalientes de sumisión, así como fuente inagotable de elementos de precariedad.

Palabras clave: Trabajo Doméstico. Interlocuciones. Precariedad.

HOUSEWORK AND ITS INTERLOCUTIONS: A NON-METAPHORICAL/METAPHORICAL STUDY

ABSTRACT

The importance of this article lies in the fact that it sheds light on the possibility of a continuous discussion about domestic work and its interlocutions between centrality, invisibility, remuneration and precariousness. Starting from a study involving two distinct perspectives and observing such interlocutions, two objectives are outlined. (1) from a non-metaphorical perspective: to characterize domestic work performed by female workers in the state of São Paulo, through an exploratory survey. (2) in the metaphorical perspective: observing domestic work, in the light of the film 'Que horas ela volta?' (2015), through an observational study in film analysis, as a qualitative, descriptive, inductive, interpretive and reflective strategy. The trajectories of the workers, in the non-metaphorical perspective of the study, reflect on professional lives allied to precariousness. Despite the migration of female workers to São Paulo in search of higher earnings, study opportunities and better professional occupations, the results obtained pointed out to an increase in the feminization of precariousness, informality, and low income. Both from a non-metaphorical and metaphorical perspective, the scenario of the boss-worker relationship reproduces prejudices, insecurities, and rights violations, resulting in remarkable stories of subjection, as well as an inexhaustible source of elements of precariousness.

Keywords: Housework. Interlocutions. Precariousness.

INTRODUÇÃO

Embora amplamente presente na realidade do cenário cotidiano brasileiro, o trabalho doméstico nem sempre encontrou espaço de interlocução nas discussões sobre o trabalho. Não obstante a ausência de tal espaço, de acordo com a OIT – Organização Internacional do Trabalho (2013), o Brasil era o país da América Latina com mais empregados(as) domésticos(as), cerca de 7,2 milhões, o que justificaria o fortalecimento desse espaço. Inobstante esses

dados mais abrangentes, o foco deste estudo recai especificamente sobre as empregadas e, metaforicamente, filmes tais, 'Como é boa nossa empregada' (1973) e 'Domésticas' (2001) abriram sendas para discussões, do ponto de vista dos estudos observacionais em análise fílmica, que resultaram pouco aproveitadas para discussão relativa a essas trabalhadoras. Por outro lado, a PEC 72/2013, conhecida antes como PEC das Domésticas, hoje Lei Complementar nº 150 de 2015, constituiu-se um marco para a discussão acerca de suas condições de trabalho. Apesar desse marco, a fala do Ministro da Economia (2020), Paulo Roberto Nunes Guedes, ao justificar o aumento do dólar, à época, revelou o que ainda permeia o imaginário brasileiro acerca do espaço de estudo devidamente designado, tanto em relação aos direitos, quanto no que tange aos debates acerca das condições laborais e dignas para tais trabalhadoras – “empregada doméstica indo para a Disneylândia, uma festa danada”.

A partir desse marco, este artigo lança luz sobre o espaço, ainda que incipiente, mas existente, para continuar a discussão acerca do trabalho doméstico e suas interlocuções entre centralidade, invisibilidade, remuneração e precariedade, trabalho esse exercido por mulheres, quase sempre periféricas, negras, chefes de família, em condições de informalidade e com baixos rendimentos. Retomando a abrangência dada pela OIT (2013), o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2020) deu o tom da magnitude dessa questão, ao revelar que o maior percentual (33,6%) de pessoas afastadas, em face da pandemia que assolou o país e ainda assusta, era pertencente à categoria de trabalhadoras domésticas sem carteira assinada.

Tendo em vista a relevância das atividades domésticas para a reprodução do cotidiano e para os cuidados com crianças, idosos, enfermos e pessoas em situação de vulnerabilidade, esse é um tema que parece ainda despercebido nos estudos organizacionais.

Entretanto, destacados estudos sobre o trabalho doméstico no Brasil, como os de Motta (1977), Safiotti (1979), Vergolino (1989), Melo (1998), Brites (2007), Ávila (2009), Nogueira (2010), Bernardino-Costa (2013), Teixeira (2015), Rocha e Pinto (2018), apontam que essa temática tem sido mais presente nos estudos da sociologia do trabalho e revelam a escassez

dos estudos sobre trabalho doméstico remunerado e não remunerado no âmbito dos estudos organizacionais em Administração.

Assim, este estudo afasta-se das multinacionais e dos cargos de liderança e gestão (Teixeira, 2015) e contribui para o preenchimento da lacuna existente, ao considerar a centralidade do trabalho doméstico para: (1) essas trabalhadoras; (2) àqueles(as) que usufruem os frutos de seu trabalho e, (3) os pesquisadores, tendo em vista a estrutura do mercado de trabalho brasileiro, no qual se inserem, também, invisibilidade, remuneração e precariedade.

Por sua vez, a relevância dos estudos observacionais em análise fílmica há algum tempo vem sendo destacada no país, pelo fato de serem sistematizados com rigor metodológico adequado e em torno de temáticas diversificadas no campo de estudos da Administração, a exemplo de: (1) Leite, Amaral, Freitas e Alvarenga (2012); (2) Bizarria, Tavares, Brasil, Tassigny e Silva (2017); (3) Alvarenga, Leite, Feitas e Ruas (2017); (4) Oliveira, Mafra, Batista e Peluzio (2019); (5) Vasconcelos, Machado, Moreira, Guimarães e Silva (2019); (6) Aoki e Santos (2020); (7) Silva e Moreira (2020); (8) Leite, N. R. P., Leite, F. P., Nishimura, Silva e Santos (2021); (9) Teixeira, Galvão, Santos e Carmo (2021); (10) Leite, Nishimura, Silva e Santos (2022). Estudos com filmes e séries contemplam a perspectiva metafórica e podem ser desenvolvidos separadamente e/ou em conjunto com estudos de perspectivas não metafóricas.

Aqui, por tratar-se de um estudo envolvendo essas duas perspectivas distintas encontram-se delineados dois objetivos. (1) na perspectiva não metafórica, caracterizar o trabalho doméstico realizado por trabalhadoras no estado de São Paulo, observando-se suas interlocuções entre centralidade, invisibilidade, remuneração e precariedade. (2) na perspectiva metafórica observar o trabalho doméstico, à luz do filme 'Que horas ela volta?' (2015), possibilitando a reabertura de sendas para o debate desse tema, observando-se também essas mesmas interlocuções. Esse filme foi aqui utilizado como *lócus*, para um estudo observacional em análise fílmica, com base em: (2a) Leite, *et al.* (2021), que revisaram o uso crescente da análise fílmica como uma estratégia de pesquisa qualitativa; (2b) Teixeira, Galvão, Santos e Carmo (2021), que construíram uma análise fílmica envolvendo aspectos relacionados

à vida pessoal e profissional de quatro mulheres, principais personagens da série de TV 'Coisa mais Linda'; (2c) Leite, Nishimura, Silva e Santos (2022), que descreveram teórica e metodologicamente os estudos observacionais em análise fílmica. A breve seção de Fundamentação Teórica perpassa o tema do trabalho doméstico pelas óticas de gênero, raça, classe social e, considera as repercussões dessas interlocuções para os indivíduos.

BREVE FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O tema do trabalho doméstico gera incômodo, por escancarar a desigualdade social, a divisão sexual do trabalho e os desdobramentos da sociedade patriarcal (Ferreira, 2010), haja vista que, dadas as convenções sociais de gênero, são as mulheres que têm exercido essas atividades preponderantemente – seja de modo remunerado ou não, compondo, muitas vezes, duplas jornadas de trabalho, conforme o IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicadas (2012). Ademais, os serviços domésticos são responsáveis por parte significativa do contingente de trabalhos informais no Brasil, pois, dos trabalhadores e trabalhadoras domésticas, 72,2% estão sob a informalidade. A PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (2019) atentou para o crescimento de 11,7% desses serviços, considerando os sete anos disponíveis da pesquisa. O grupo de trabalhadores(as) domésticos(as) no Brasil é de 6,2 milhões de indivíduos. Entretanto, é esse grupo que recebe os menores rendimentos médios da série, o que equivale a pouco mais de 40% do rendimento médio total. São as mulheres (73,1%) que compõem a força de trabalho doméstica no Brasil e, entre essas mulheres, 68% são negras.

A questão racial é elemento primordial do trabalho doméstico. Do ponto de vista histórico, esse trabalho no Brasil tem como seu antecessor o trabalho escravo e, mesmo após tantos anos, a questão racial ainda é um importante elemento do trabalho doméstico (Graham, 1992; Conceição, 2009; Ávila, 2014). bell hooks (1995) já havia encarado esse panorama, ao afirmar que a mulher negra é responsável por todos os cuidados dispensados aos outros, uma herança escravocrata que distancia, ainda hoje, essas mulheres de posições distintas no mercado de trabalho, como cargos acadêmicos e lideranças. Essas influências do período escravocrata e pós-escravocrata, como pontuou Teixeira (2015), ainda geram desdobramentos atualmente, mesmo nos casos em que as trabalhadoras domésticas não são negras, mas

exercem atividades consideradas simbolicamente como atividades exercidas por negros(as). Teixeira (2015, p.10) também notou que a raça nem sempre é um elemento claro para as trabalhadoras, constituindo uma relação “ambígua, complexa e contraditória”. A autora salientou que a performance de gênero é mais reconhecida pelas trabalhadoras do que a performance de raça, o que as leva, às vezes, a rejeitar discursivamente a noção de racismo.

Diante do exposto, no que tange ao gênero e à raça, alguns sentidos são atribuídos à profissão de trabalhadora doméstica no Brasil: (a) ser mulher e negra; (b) sentir-se responsável pelo trabalho doméstico; (c) sentido social negativo da profissão, tendo em vista a memória escravocrata; (d) ser uma profissão marginalizada, considerando-se características raciais, étnicas, econômicas e de gênero; (e) estar em posição de servidão e subalternidade; (f) percepção da invisibilização do sujeito; (g) ser considerada ameaça; (h) não ser considerada como profissional; (i) conviver com a desigualdade entre os lares que trabalham e os lares que habitam; (j) ser considerada intelectualmente inferior; (k) ser vista como objeto sexual, tendo em vista as heranças do período escravocrata (Teixeira, 2015).

Historicamente, o trabalho doméstico pode remeter às famílias mais pobres, cujas mulheres trabalhavam nos lares para que os homens pudessem trabalhar na agricultura (Saffioti, 1976). Porém, mesmo com a ascensão da participação feminina no mercado de trabalho, as tarefas domésticas continuaram sob a responsabilidade dessas mulheres, que ainda são reconhecidas como incumbidas dos cuidados, considerando-se seu gênero, enquanto os homens permaneceram encarregados, majoritariamente, da provisão financeira dos lares (Nogueira, 2010). Nogueira (2004) destacara, também, que o aumento da inserção da mulher no mercado de trabalho, ocorre, principalmente, em áreas de trabalho precário e vulnerável, independentemente de se consolidarem no âmbito formal ou informal.

Assinalando tal destaque, Standing (2011) alegou que, com a feminização da força de trabalho, espera-se que as mulheres trabalhem fora, cuidem de seus lares e, também, de suas famílias e parentes idosos. Engels (2009) relatara que o primeiro antagonismo e a primeira opressão entre classes se deram no âmbito do masculino sobre o feminino. Esse antagonismo já encontrara reforço em Bordieu (1995), quando esse autor retomou as diferenças entre os

sexos, pontuando a dominação masculina e a submissão feminina enquanto práticas naturalizadas na sociedade. Com isso, a divisão sexual do trabalho, fundada na família/sociedade patriarcal, atribuiu os papéis produtivos aos homens e reprodutivos às mulheres (Kergoat, 2001).

Essa assimetria já fora mencionada por Saffioti (1979), quando corroborou a tese da injusta divisão do trabalho doméstico, de acordo com o gênero. As mulheres brasileiras, de acordo com o IBGE (2019) dedicam, em média, 21,3 horas semanais aos serviços domésticos, enquanto os homens dedicam 10,9 horas às mesmas atividades. Não obstante, enquanto pano de fundo histórico, Kergoat (2003, p. 2), ao considerar o trabalho doméstico e feminino, rememorou que “não foi tratando a questão do aborto, como usualmente se diz, que o movimento feminista começou. Foi a partir da tomada de consciência de uma opressão específica: tornou-se coletivamente evidente que uma enorme massa de trabalho era realizada gratuitamente pelas mulheres, que esse trabalho era invisível, que era feito não para si, mas para os outros e sempre em nome da natureza, do amor e do dever maternal”. O trabalho socialmente invisível no Brasil, como lembrou Abílio (2020), tem sido associado às mulheres negras que estão na base da pirâmide social, cujas ocupações são informais e as remunerações são as mais baixas (Conceição, 2009; Vosko, 2010). Essas mulheres enfrentam um modo de vida periférico, visto como associado ao atraso e aos resquícios de desenvolvimento, às margens não integráveis da modernização (Abílio, 2020).

Como evidenciado por Rocha e Pinto (2018), o trabalho doméstico pode estar vinculado a duas possibilidades: (1) realizado gratuitamente nos lares, considerado como dever natural da mulher; e (2) remunerado, em domicílios alheios ao da trabalhadora. Este estudo foca as interlocuções, bem como as repercussões e a precariedade que se desdobram a partir da segunda possibilidade. Essas atividades não remuneradas, sem embargo, são de suma importância para redução dos custos da reprodução da força de trabalho – é o trabalho reprodutivo que sustenta o produtivo (Nogueira, 2010). Concernentemente, Farias (1983) e Vergolino (1989) reforçaram que, muitas vezes, é a trabalhadora doméstica, por meio de seu trabalho, que permite que sua ‘patroa’ possa assegurar sua carreira profissional, operando, nesse sentido, o que Hirata e Kergoat (2007) chamaram de modelo de delegação, em que o

trabalho doméstico é terceirizado e realizado por outrem. As trabalhadoras domésticas, contudo, nem sempre dispõem de renda suficiente para terceirizar suas tarefas domésticas e, sobre elas, opera o modelo de conciliação, em que se faz necessário combinar o trabalho doméstico remunerado, com o trabalho doméstico não remunerado, o que perfaz as duplas jornadas ou, até mesmo triplas, dessas trabalhadoras.

Em São Paulo, o DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (2018) assinalou que o trabalho doméstico tem um perfil claramente constituído por: (a) mulheres (96,6%), (b) negras (56,1%), (c) mais velhas (73,6% têm mais de 40 anos), (d) chefes de família (41,8%) e, (e) que trabalham na modalidade de diaristas (42,1%), o que implica rendimentos mais baixos, pois, embora o rendimento médio/hora/dia seja mais alto, comparado ao das trabalhadoras registradas e não registradas de outras modalidades, essas trabalhadoras têm jornadas de trabalho mais curtas (24 horas semanais). Esse órgão trouxe à luz o fato de essas trabalhadoras, em boa parte sob a informalidade, não contribuírem para a previdência social brasileira.

As diferenças entre modalidades, mesmo na categoria do trabalho doméstico, revelam que há discrepâncias a serem consideradas e que esse trabalho se desdobra em um contexto precário, sendo mais comum em economias periféricas, cujas desigualdades são latentes, em que mulheres e homens, no exercício de suas profissões liberais, passam a delegar o trabalho doméstico a outras mulheres (Brites, 2007). O trabalho doméstico remunerado, no Brasil, insere-se em um mercado caracterizado por alta rotatividade, informalidade, dispersão salarial, descumprimento aos direitos trabalhistas mínimos, desemprego significativo, desassalariamento e criação vultuosa de postos de trabalho precários (Pochmann, 2001; Sabino & Abílio, 2019), de modo que a precariedade não é exceção, mas regra desse mercado de trabalho brasileiro (Antunes, 2018).

Adicionalmente, a jornada do trabalho doméstico é extensiva, intensiva e intermitente, de longa duração, com ritmo incessante e, ciclos infundáveis que perpassam o trabalho gratuito e o trabalho remunerado (Ávila, 2014). Nessa jornada está inserida a precariedade que, assumida neste estudo, pode ser compreendida, considerando-se Kalleberg (2009), como o

trabalho incerto, imprevisível, no qual os riscos são assumidos pelo(a) trabalhador(a), como as atividades informais e as atividades formais temporárias – existente desde o início do trabalho assalariado, tendo sido apenas fortalecido nas últimas décadas. Como consequência desse fenômeno, são as mulheres que sofrem seus impactos, de modo mais preponderante, tendo em vista as disparidades entre rendimentos, a dificuldade de recolocação no mercado de trabalho formal e a invisibilidade dos trabalhos historicamente realizados por mulheres (Olinto & Oliveira, 2004). O conceito de trabalho decente, proposto pela OIT, também corrobora as noções de vulnerabilidade dessas trabalhadoras, haja vista considerar que é qualquer ocupação produtiva, adequadamente remunerada e exercida em condições de liberdade, equidade e segurança, capaz de garantir uma vida digna para homens e mulheres. Para a OIT, o trabalho doméstico remunerado encontra significativo distanciamento do entendimento do conceito de trabalho decente: “[o trabalho doméstico] nas suas manifestações contemporâneas, é um fenômeno mundial que perpetua as hierarquias baseadas em raça, na origem étnica, em pertencer a um grupo autóctone, em casta e na nacionalidade” (OIT, 2009, p. 5).

A definição de Gallino (2014) mostra a precariedade como um estado multidimensional que, além do âmbito do contrato de trabalho, é uma condição humana e social que gera insegurança, objetiva e subjetiva, que se desdobra em insegurança das condições de vida e de existência. As repercussões desse estado também foram investigadas por Kovács (2004), que salientou a remuneração baixa, o pouco reconhecimento, a instabilidade no emprego, a ameaça ao desemprego e a restrições dos direitos sociais nessas ocupações, o que pode provocar sentimentos de inutilidade e de falta de perspectivas de evolução profissional. Franco, Druck e Selligman-Silva (2012) salientaram que, quando a precariedade se coloca em contextos cujos trabalhadores são majoritariamente pobres e com baixa escolaridade, há mais chance de a saúde ser afetada, em vista do estreitamento do mercado de trabalho e do desmonte das alternativas institucionais de proteção social.

Anteriormente, Aronsson, Gustafson e Dallner (2002) reportaram-se a ansiedade, depressão, estresse, tensão nervosa e diminuição da autoestima, como possíveis consequências dessa fragilização, frente à precariedade do trabalho. Antunes (2018) acrescentou que o labor humano pode ser ambiente de sujeição, sofrimento, desumanização, precarização,

individualização e dissociabilização. Na esfera do trabalho doméstico, dadas às sujeições recorrentes, essas trabalhadoras, não raro, enfrentam preconceitos, violações de direitos trabalhistas, condições adversas de trabalho e, outras tantas sujeições que podem, inclusive, transbordar para a saúde (Silva, Araújo, Moreira & Barros, 2017). Esses acontecimentos, tendo em vista seu caráter dramático e repetitivo podem marcar para sempre a vida dessas trabalhadoras, mesmo daquelas que já deixaram o trabalho e trilham outros caminhos (Le Guillant, 2006). Tais marcas podem partir de um ponto em comum entre essas mulheres: o trabalho individualizado, dissociabilizado e sem convivência com outros(as) trabalhadores(as) (Antunes, 2018).

ASPECTOS METODOLÓGICOS DO ESTUDO

Neste artigo, contemplando um estudo com perspectivas não metafórica e metafórica, a realidade é considerada como algo socialmente construído, tomando-se por base Denzin e Lincoln (2005) e, o pesquisador, não descobre a realidade, mas a interpreta de acordo com suas concepções, como salientara Stake (1999). Assim, a compreensão do fenômeno advirá, primordialmente pela ótica dos sujeitos de pesquisa, para quem a vivência é cotidiana (Coutinho, 2009). Considere-se que o *locus* da perspectiva não metafórica deste estudo passa por temas sensíveis, para os quais se faz necessário refletir sobre contextos, significados e atitudes adjacentes a esses contextos, como mencionaram Flick, von Kardorff e Steinke (2004) e Bachelard (1972).

Em ambas as perspectivas deste estudo fez-se uso da abordagem qualitativa de pesquisa, seguindo as definições propostas por Gil (2009) e, trata-se de um estudo exploratório e descritivo, com vista às concepções de Vergara (2010) e Cooper e Schindler (2016). Utilizou-se como estratégia de pesquisa qualitativa, na perspectiva não metafórica, o *survey* exploratório, também respaldado em Gil (2009) ou, de experiência, conforme denominado por Cooper e Schindler (2016), ao definirem essa estratégia como uma comunicação que envolve questionamento, registro de respostas para análise e versatilidade, na qual as informações são extraídas das memórias e experiências coletivas dos sujeitos respondentes.

No que tange ao procedimento de coleta de dados, dessa parte, foram contatadas trabalhadoras domésticas conhecidas, por conveniência e, essas trabalhadoras indicaram o segundo grupo de entrevistadas, pela estratégia da bola de neve (Arber, 2001, Creswell, 2010). O contato foi feito exclusivamente *online*, tendo em vista a pandemia da COVID-19. Do mesmo modo ocorreu com as entrevistas, realizadas remotamente com dez (10) delas, fazendo-se uso de recursos digitais que permitiram a gravação dos áudios, com o devido aceite das participantes da pesquisa, a quem foi apresentado, verbalmente, o termo de consentimento da pesquisa.

O instrumento dessa coleta foi composto por um roteiro de entrevista semiestruturada, com base em Vergara (2010). A estratégia de análise narrativa foi escolhida, com base em Riessman (2005) e a análise de linhas narrativas com base em Spink (2010), combinada com a análise de conteúdo, de Bardin (1979), seguindo as etapas de: (a) estabelecimento de categorias; (b) codificações; (c) avaliação das generalizações e disparidades. Essa última estratégia de análise foi também utilizada para a perspectiva metafórica, em relação aos conteúdos coletados por meio de observação indireta e não participante, conforme Flick (2009), das cenas do filme *lócus* analisado nessa perspectiva.

O *lócus* dessa perspectiva neste estudo foi o filme ‘Que horas ela volta?’ dirigido por Muylaert (2015) e utilizado, com base em Leite, *et al.* (2021) para um estudo observacional em análise fílmica, como uma estratégia de pesquisa qualitativa, descritiva, indutiva, interpretativa e reflexiva. Esse filme, com 112 minutos de duração, foi assistido 4 vezes, completa e ininterruptamente, visando à escolha e à confirmação do *lócus*, totalizando 448 minutos. No tocante às microanálises das cenas, as interrupções e repetições para observações perfizeram um tempo de 907 minutos, totalizando 1.355 minutos.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A apresentação, análise dos dados e posterior discussão dos resultados deste estudo procuram focar o trabalho doméstico e suas interlocuções, considerando-as como categorias estabelecidas, *a priori*, quais sejam: (a) centralidade; (b) invisibilidade; (c) remuneração; (d) precariedade e (e) sujeição, nas perspectivas não metafórica, bem como metafórica.

Os sujeitos respondentes da perspectiva não metafórica são dez (10) trabalhadoras domésticas. A Tabela 1 detalha o perfil dessas trabalhadoras. Os códigos usados nessa tabela representam, respectivamente, ordem de realização das entrevistas, estado em que residem e idade desses sujeitos submetidos a essas entrevistas.

Tabela 1- Perfil das Entrevistadas

Entrevistadas	Idade	Cor	Estado Civil	Escolaridade	Status	Chefe Família	Compartilhamento Atividades
1SP66	66	Preta	Casada	Fund. Incompleto	Informal	Sim	Marido e Filho
2SP49	49	Branca	Solteira	Méd. Completo	Informal	Sim	Filhos
3SP64	64	Parda	Solteira	Méd. Completo	Informal	Sim	Filha
4SP46	46	Branca	Solteira	Fund. Incompleto	Formal	Sim	Não
5SP53	53	Branca	Casada	Fund. Incompleto	Informal	Não	Marido e Filho
6SP51	51	Branca	Solteira	Fund. Incompleto	Formal	Sim	Não
7SP38	38	Parda	Solteira	Méd. Completo	Informal	Não	Filho
8SP33	33	Preta	Divorc.	Méd. Completo	Informal	Não	Não
9SP57	57	Preta	Solteira	Méd. Completo	Informal	Sim	Irmã
10SP63	63	Preta	Viúva	Fund. Incompleto	Informal	Sim	Não

Ainda que em sua maioria as entrevistadas tivessem declarado compartilhar as atividades domésticas com alguém, se referiram a esse compartilhamento como uma ajuda, mas se consideraram as responsáveis pela manutenção do lar, o que as coloca em condições de executar duplas e triplas jornadas, como salientaram Nogueira (2010) e Saffioti (1979).

Em sua maioria, essas entrevistadas eram não-brancas, o que leva à possibilidade de reflexão sobre a linha argumentativa de bell hooks (1995). Com exceção de duas entrevistadas,

todas tinham mais de quarenta (40) anos, confirmando as análises do IBGE, que reiteram ser essa ocupação, de mulheres mais velhas. Três dessas entrevistadas já são consideradas idosas.

Outro ponto consoante com o perfil sociodemográfico dessas trabalhadoras é a escolaridade baixa, pois, mais da metade não concluiu os estudos e nenhuma alcançou o ensino superior. Essa questão da escolaridade, conquanto, é alvo de comentários por parte das trabalhadoras, que mencionam a importância dos estudos em suas vidas.

Com relação à perspectiva metafórica deste estudo, a Tabela 2 apresenta as características principais dos personagens observados no filme *lócus*. Esses personagens foram selecionados como focos de observação, por constituírem o cerne das informações necessárias para análise do trabalho doméstico e suas interlocuções, pois esse *lócus* apresenta o trabalho doméstico formal, cuja jornada é intensiva, extensiva, intermitente, de longa duração e ritmo incessante e, as informações obtidas por meio desses personagens facilitam a observação para análise e discussão dessas interlocuções.

Tabela 2 - Personagens Focos de Observação no Filme *Lócus*.

Personagens	Principais Características
Val	Protagonista. Nordestina, mudou-se para São Paulo em busca de oportunidades de emprego para manter sua filha, ainda pequena, que ficou no Nordeste. Empregada doméstica da família, mora no local onde trabalha, mostra-se submissa e prestativa, não revelando indignação quanto aos abusos de sua patroa, Bárbara. Muda seus comportamentos, instigada por sua filha Jéssica, após sua chegada em SP.
Jéssica	Filha de Val. Tem aproximadamente 18 anos. Inteligente, curiosa, comunicativa e crítica quanto ao tratamento que a família confere a Val. Candidata ao ingresso na FAU/USP, SP.
Fabinho	Filho de Bárbara, cuidado por Val desde criança, com a mesma idade de Jéssica. É carinhoso com Val e a trata como mãe. Apesar disso, em relação à Jessica, oscila entre comportamentos elitizados e generosos. Também candidato ao ingresso na FAU/USP.
Bárbara	Patroa de Val, cujos comportamentos discriminatórios, grosseiros, elitistas e egoístas são explícitos. Abdicou dos cuidados com Fabinho, deixando-o sob a responsabilidade de Val.
Carlos	Marido de Bárbara. É mais acolhedor em relação a Val e a Fabinho. Tenta flertar com Jéssica, apesar da grande diferença de idade entre os dois, desatento à firmeza de propósito dela.
Edna	Empregada doméstica colega e auxiliar de Val, na limpeza da casa. Não mora no local de trabalho
Meg	Cachorra da família, de raça Golden Retriever. Como uma incumbência a mais, é cuidada por Val, de quem recebe atenção diária.

Esse filme retrata a trajetória de Val, trabalhadora doméstica responsável pelos serviços na casa de Bárbara, Carlos e Fabinho. Frequentemente Val lida com as repercussões de um trabalho extensivo, intensivo e intermitente e, aliado a isso, enfrenta o tratamento discriminatório proveniente de sua patroa. A trajetória de Val começa a mudar com a vinda de

sua filha Jéssica, que sai de Pernambuco para São Paulo com a finalidade de prestar vestibular de arquitetura na FAU/USP.

O *lócus* elegido neste artigo, por meio de suas cenas, dialoga e exemplifica a centralidade, a invisibilidade, a remuneração, a precariedade e as sujeições concernentes ao contexto do trabalho doméstico feminino e remunerado no Brasil.

As Tabelas 3 e 4 contém os dados sobre a interlocução entre o trabalho doméstico e a centralidade, nas perspectivas metafórica e não metafórica, nessa ordem.

Tabela 3 - Interlocução entre o Trabalho Doméstico e a Centralidade

Observações da Perspectiva Metafórica

Val cuida do filho de Bárbara e Carlos, cozinha, lava e passa roupa, limpa, arruma e cuida de um cachorro, ajudada por Edna na limpeza e na arrumação da casa.

Tempo Inicial da Cena 3:07'

Val conversa com Jéssica - ainda criança - pelo telefone, enquanto cuida de Fabinho, também ainda criança, na piscina.

Jéssica, ao observar as submissões às quais sua mãe se acostumou a vivenciar, mantém comportamentos de enfrentamento em relação à família e à postura subserviente de sua mãe. Tais comportamentos encorajam Val a enfrentar e superar a situação em que estava vivendo há quase duas décadas de trabalho doméstico.

Tabela 4 - Interlocução entre o Trabalho Doméstico e a Centralidade

Extratos da Perspectiva Não Metafórica

1SP66 Começou como trabalhadora doméstica, pois não havia outra opção no mercado de trabalho em São Paulo, tendo em vista sua escolaridade baixa. Relatou que já teve diversas ocupações no âmbito do trabalho doméstico: diarista, mensalista, babá, cozinheira, passadeira.

2SP49 Via-se entre duas opções: trabalhar na roça, no interior de seu estado ou mudar para São Paulo e tentar outra ocupação. Optou pela segunda. Sonhava ser estilista, "ser uma pessoa". Contudo, sua escolaridade a impediu de galgar outras ocupações, passando por ocupações informais, como pedreira, "faço o que preciso for pra sobreviver".

3SP64 Trabalhava em empresa e foi desligada. Depois, realizou alguns trabalhos, todos em âmbito informal, como vendedora de salgados. Relatou que optou pelo trabalho doméstico, pois, dentre os informais, era o mais bem remunerado.

4SP46 Iniciou o trabalho doméstico aos 14 anos, no interior do seu estado. Optou por continuar a trabalhar como doméstica, em São Paulo, pela perspectiva de ganho financeiro. Desde então, nunca exerceu outra ocupação e se vê sem opções, considerando sua escolaridade.

<p>5SP53 Iniciou o trabalho doméstico no interior de seu estado. Relatou que sua intenção era trabalhar para poder estudar. Mudou-se para São Paulo para obter maiores ganhos financeiros. Deu-se conta de que não era possível trabalhar e estudar. Assim, só trabalhou e não chegou a concluir a 4ª série. Trabalhou como babá e como diarista.</p>	<p>6SP51 Iniciou o trabalho doméstico no interior de seu estado, sem consciência acerca da escolha entre trabalhar e estudar. Imaginou a possibilidade de conciliar. Mudou-se para São Paulo em busca de maiores ganhos financeiros. Trabalhou como babá, diarista e mensalista.</p>
<p>7SP38 Iniciou o primeiro trabalho porque estava grávida e precisava de renda. A patroa, consciente da gravidez, aceitou seu trabalho como diarista.</p>	<p>8SP33 Começou a trabalhar com 19 anos, como babá, mas também lavava, passava e cozinhava, pois a mãe, também trabalhadora doméstica, precisava de complemento de renda. Posteriormente trabalho como mensalista, diarista, cuidadora de idosos e babá.</p>
<p>9SP57 Trabalhou como assistente administrativa por 35 anos e aposentou-se por tempo de serviço. Como a aposentadoria era insuficiente para suprir suas necessidades passou a executar o trabalho doméstico.</p>	<p>10SP63 Trabalhou em indústria, mas casou-se e o marido a proibiu de trabalhar. Começou a trabalhar como diarista, escondida do marido, aos 30 anos. Saía depois dele e voltava antes, deixando todas as atividades domésticas prontas, para que ele não desconfiasse.</p>

Nos extratos da perspectiva não metafórica as trabalhadoras relataram a falta de opção no mercado de trabalho para quem não tem formação. Entretanto, elas lidaram com o paradoxo entre ter de trabalhar para poder estudar, mas, enquanto trabalham, não encontrar tempo para os estudos. Chama a atenção o fato de que algumas dessas trabalhadoras migraram de seus estados natais para São Paulo, considerando, pois, que usufruiriam mais oportunidades – de estudo e emprego. A maioria dessas entrevistadas não é natural do estado de São Paulo.

O relato da entrevistada 2SP49 revela essa migração: “Eu comecei próximo de casa, na casa de parentes, fui andando para frente, em uma cidade, depois de um tempo em outras, sempre tentando procurar onde ganharia mais e onde teria mais opções pra tentar mudar a minha história e, foi quando, com tantas idas e vindas eu cheguei a São Paulo pra tentar a sorte aqui”.

Nas observações da perspectiva metafórica, assim como as mulheres entrevistadas, Val também se mudou para São Paulo em busca de oportunidades de trabalho, com vistas à manutenção de sua filha Jéssica que ficara no Nordeste, especificamente em Pernambuco. Ao cuidar de Fabinho, Val também facilitou a vida laboral de Bárbara. É possível refletir sobre a distância geográfica em relação a Val e sua filha, ao mesmo tempo em que se pode refletir sobre

a plena aproximação afetiva entre Val e o filho de Bárbara, distante da mãe durante todo o dia. Parece paradoxal que, em meio a essas possibilidades de reflexão possa também coexistir o espaço para a invisibilidade em relação a essa trabalhadora.

A Tabela 5 mostra os dados sobre a interlocução entre o trabalho doméstico e a invisibilidade, tanto na perspectiva não metafórica quanto na perspectiva metafórica.

Tabela 5 - Interlocução entre o Trabalho Doméstico e a Invisibilidade

Relatos da Perspectiva Não Metafórica	
2SP49 "Eu optei por trabalhar em casa de família [...]. Sofri muito preconceito [...] Tomei a atitude de voltar aos estudos em 2018, meus filhos não acreditaram. Fui na escola fiz minha matrícula e depois só avisei que eu estaria estudando [...] fiz a prova do Enseja, eliminei o fundamental em 1 ano, e depois em 2019 eliminei o ensino médio também. Antes de tomar a iniciativa, eu já vinha tentando sempre estudar, mas as patroas falavam: ou você trabalha, ou você estuda, as duas coisas não dá. Até hoje tem muitas assim, e tem muito trabalho escravo por aí. Mas fui levando, falei que não era o momento, mas fomos indo devagar e sempre".	3SP64 "A patroa perguntou da minha filha e eu falei: ela tem 7 anos e estuda em uma escola particular. E ela falou: mas filho de pobre fazendo o ensino médio tá de bom tamanho, não precisa mais estudar nada, não precisa fazer outros cursos [...] Isso me humilhou tanto, e ainda falou filho de pobre. Mas passou [...] eu comecei a trabalhar com mais garra, pra um dia eu mostrar pra ela que a minha filha ia se formar. E chegou o dia, fui falar com ela que a minha filha formou, em uma faculdade boa, e ainda convidei ela pra ir na formatura. É isso, você passa por um monte de coisa, e só quem tem coragem mesmo pra aguentar".
4SP46 "Vim pra São Paulo pra trabalhar, não tenho muito estudo, então a minha única opção foi trabalhar de empregada doméstica."	5SP53 "Já trabalhava como empregada doméstica, mas sempre com o objetivo pra estudar, mas a gente começa a entrar em casa de família [...] Resolvi vir pra São Paulo, com uma amiga, ela me falou que de repente aqui ia ter mais sucesso. Ela (patroa) foi muito querida, me ajudou, assim, como amiga, de patroa pra empregada. Mas, por outro lado não me deixou estudar, ir atrás dos meus objetivos, então isso também me marcou, e hoje eu sinto falta disso."
6SP51 "Eu vim pra São Paulo pra tentar conseguir uma vida um pouco melhor, mas na época eu não tinha muita opção, não tinha como só estudar, tinha de trabalhar pra ganhar o sustento, e esse tipo de trabalho foi o que apareceu."	10SP63 "Se eu tivesse oportunidade eu teria estudado. Estudar nunca é tarde, mas, devido ao meu trabalho, não dá pra estudar. Mas, se eu tivesse uma oportunidade, eu até tive, mas não tive orientação, hoje eu seria uma enfermeira."
Observações da Perspectiva Metafórica	
<p>Tempo Inicial da Cena 22:04' Val serve os convidados da festa de aniversário de Bárbara, invisibilizada por todos, que não a olham e não lhe dirigem a palavra.</p> <p>Tempo Inicial da Cena 32:10' Bárbara questiona Jéssica sobre o curso que ela irá prestar no vestibular. Quando Jéssica diz que vai fazer Arquitetura na FAU, tanto Bárbara quanto Fabinho se mostram surpresos.</p> <p>Tempo Inicial da Cena 32:22' Fabinho explica que a FAU é uma das faculdades mais difíceis de entrar. Após ser indagada por Carlos, Jéssica explica que o ensino no local onde ela morava não era bom, mas recebeu apoio de um professor de História para prosseguir. Bárbara mostra expressão de desconfiança quando às possibilidades de aprovação no vestibular.</p> <p>Tempo Inicial da Cena 1:25:27' Val entra, muito emocionada, no quarto e conta para Fabinho e Bárbara que Jéssica alcançou 68 pontos e passou no vestibular. Os dois não demonstram reações muito significativas, apenas a parabenizam.</p> <p>Tempo Inicial da Cena 1:24:26' Fabinho, após ser reprovado no vestibular, permite-se ser abraçado por Val e se afasta do abraço de Bárbara, reforçando a proximidade com a trabalhadora.</p> <p>Tempo Inicial da Cena 1:26:12' Bárbara diz para Val não ficar muito animada, pois ainda tem a segunda fase, que é muito mais difícil e que não adianta esse resultado, se Jéssica não for aprovada na outra fase.</p>	

Na perspectiva não metafórica, embora os estudos sejam considerados porta de saída das condições de precariedade dessas trabalhadoras, pouco foi mostrado, pelas entrevistadas, acerca da impossibilidade de conciliar trabalho e estudos nos moldes em que elas estão submetidas. Diante dessa impossibilidade, o fluxo da precariedade segue sem interrupções.

Nos relatos dessa perspectiva, algumas dessas trabalhadoras enfatizaram a importância de uma legislação protetora para a execução do trabalho doméstico, um marco importante na regulamentação da profissão, o que facilitaria, de fato, o trato com a interlocução entre o trabalho doméstico e a invisibilidade. A “PEC das domésticas” (2013) foi citada espontaneamente pelas trabalhadoras: (1SP66), quando relatou: “eu trabalhei 14 anos nessa casa, eu entrei em uma dificuldade financeira, logo em seguida entrou a Lei da Dilma pra registrar todas as empregadas domésticas, e eu trabalhava sem registro”; (4SP46), que concluiu seu relato, dizendo: “quando começaram as leis novas, cinco ou seis anos atrás, a Lei das empregadas domésticas, que melhorou bastante as coisas, tínhamos feito um acordo de que eles pagariam um extra pra mim [...] Antes dessas nossas leis, além de ganhar pouco eu era discriminada”.

Na perspectiva metafórica, as observações mostram que, graças a todos os alertas apontados por sua filha Jéssica, na cena de Tempo Inicial 1:27:47’, Val se dá conta da situação de invisibilidade que viveu por muitos anos e, como sinal de que compreendera, entra na piscina da família e liga para Jéssica, que também fora vítima de tentativas de invisibilidade, por Bárbara, como apontado em outras cenas como: (Tempo Inicial 36:01’), quando Carlos mostra a casa para Jéssica, ela demonstra interesse em ficar no quarto de hóspedes, pois tem lugar para estudar. Bárbara, por sua vez, demonstra não gostar da ideia, mas finda aceitando; (Tempo Inicial 39:41’), quando Jéssica encontra Bárbara na cozinha preparando suco de Lima da Pérsia e a discriminação é mostrada na diferença entre o copo que Bárbara serve o suco para Jéssica e o copo que serve para si; (Tempo Inicial 1:03:38’), quando Bárbara liga para o responsável pela manutenção da piscina, após Jéssica entrar e, no dia seguinte essa piscina é esvaziada, sob a alegação de que foi visto um rato.

A Tabela 6 compila os dados sobre a interlocução entre o trabalho doméstico e a remuneração, nas perspectivas não metafórica e metafórica, relativamente a essa ordem.

Tabela 6 - Interlocução entre o Trabalho Doméstico e a Remuneração

Extratos da Perspectiva Não Metafórica
1SP66 Trabalhava 12h/dia/6dias/semana, com rendimento diário médio de R\$ 170,00. Relatou ter relação amistosa com os patrões, mas, por vezes, se sentir humilhada e desconsiderada. Disse que nesse trabalho não há tempo para descanso, não há pausa para refeições, nem para suas necessidades fisiológicas.
2SP49 Trabalhava 10h/dia/7dias/semana, com valor diário médio de R\$200,00. Afirmou ser um trabalho sofrido, por conta da jornada extensa, tendo sido vítima de alguns acidentes de trabalho.
3SP64 Trabalhava 13h/dia/7dias/semana, com valor diário médio de R\$150,00. Disse que a jornada é cansativa e o trabalho é intenso, mas que a relação com os patrões/patroas é boa.
4SP46 Trabalhava 15 dias consecutivos e folgava dois, com jornada de 10h/dia e salário (sem horas extras) de R\$3.500,00.
5SP53 Trabalhava 9h/dia/3dias/semana, com valor diário médio de R\$180,00, contemplando trabalho de limpeza, lavagem e passagem de roupas.
6SP51 Trabalhava 10h/dia/5dias/semana, com rendimento fixo de R\$ 2.500,00. Diz-se uma pessoa de sorte, por sempre ter sido bem tratada nas casas onde trabalhou.
7SP38 Trabalhava 9h/dia/6dias/semana, com valor diário médio de R\$ 170,00. Disse que muitas pessoas querem pagar menos que o valor cobrado, mas, apesar disso, tem boa relação com os patrões/patroas.
8SP33 Trabalhava 8h/dia/5dias/semana, com rendimento fixo de R\$ 1.500,00. Afirmou que optou por não ser registrada, pois os ganhos são maiores sem registro. Foi demitida em razão da pandemia da COVID-19. Disse ter bom relacionamento.
9SP57 Trabalhava 8h/dia/5dias/semana, com valor diário médio de R\$150,00. Nessas casas, limpava, lavava e passava roupa. Declarou ter bom relacionamento com os patrões/patroas.
10SP63 Trabalhava 12h/dia/5dias/semana, com valor diário médio de R\$ 150,00. Nunca foi registrada e relatou que os patrões/patroas nunca a permitiram ter folga, por conta de imprevistos, como quando quebrou o dedo.
Observações da Perspectiva Metafórica
Com relação às empregadas Val e Edna, inseridas no contexto do trabalho doméstico formal, cuja jornada é intensiva, extensiva, intermitente, de longa duração e de ritmo incessante, o filme não explicita suas remunerações. Entretanto, na cena com Tempo Inicial de 1:36:55', Val pede demissão e Barbara indaga o motivo, se é algo relacionado a ela, aos outros funcionários da casa ou necessidade de aumento. Val explica que não, só precisa ficar mais tempo com a filha.

No que se vincula à interlocução entre o trabalho doméstico e a remuneração, nos extratos da perspectiva não metafórica do estudo, embora os rendimentos das trabalhadoras entrevistadas não sejam considerados altos, a maioria dessas mulheres é chefe de família, que sustenta a si mesma, além de filhos e marido. No correspondente às observações da perspectiva metafórica, com relação à Val e à Edna, o filme mostra ambas como responsáveis pela manutenção de filhos, mas nada fala acerca de suas remunerações.

Em relação às entrevistadas, há, entre elas, uma média de 10 horas trabalhadas diariamente, com rendimento médio de R\$150,00 por dia. As trajetórias das trabalhadoras, na perspectiva não metafórica refletem vidas profissionais aliadas à precariedade, uma vez que,

das dez (10) entrevistadas, apenas duas eram registradas, o que reforça a característica do trabalho precário pela informalidade. Apesar de algumas dessas trabalhadoras terem migrado para São Paulo, considerando maiores ganhos, oportunidades de estudo e melhores ocupações profissionais, os resultados apontam para o aumento da feminização da precariedade, da informalidade e da baixa renda. Sobre as características do trabalho doméstico remunerado, são confirmados os achados de Ávila (2014), acerca das jornadas de trabalho extensivas, intensivas e intermitentes. Quando refletidas as repercussões da pandemia, com base em Antunes (2020) notam-se traduzidas nas vivências majoritárias dessas trabalhadoras: (a) miserabilidade; (b) empobrecimento e, (c) desemprego. Ademais, todas as entrevistadas, mesmo que em menor frequência, continuaram a trabalhar durante a pandemia, se expondo ao vírus nas casas onde trabalham e/ou trabalhavam, bem como no percurso casa/trabalho/casa. Uma das entrevistadas relatou ter contraído a COVID-19, outra disse ter cuidado de um dos patrões, que contraíra a doença no período inicial dessa pandemia. O relato das entrevistadas 2SP49 e 8SP33 sintetizam esses pontos: “Afetou, tanto que as patroas não quiseram mais a gente nas casas delas, por medo que a gente levasse a doença para elas. Porque nunca são eles – patrões e patroas – que transmitem, somos nós. A corda sempre arrebenta do lado mais fraco”.

Além disso, as repercussões da precariedade foram confirmadas no íterim deste estudo. Citem-se: (a) ansiedade, estresse, tensão nervosa, diminuição de autoestima (Aronsson et al., 2002); (b) preconceitos, violações de direitos, condições adversas de trabalho, problemas de saúde (Silva et al., 2017); (c) sujeição (Antunes, 2018); (d) discriminação racial (bell hooks, 1995); (e) insegurança no emprego, perda de regalias sociais, salários baixos, descontinuidade nos tempos de trabalho (Sá, 2010).

As Tabelas 7 e 8 apresentam os dados sobre a interlocução entre o trabalho doméstico e a precariedade, nas perspectivas metafórica e não metafórica, nessa devida ordem.

Tabela 7 - Interlocução entre o Trabalho Doméstico e a Precariedade

Observações da Perspectiva Metafórica	Tempo Inicial Cena
---------------------------------------	--------------------

Val deita-se em seu quarto, um ambiente escuro, quente, pequeno, com pernalongos, desorganizado, desconfortável e muito diferente da casa que ela cuida. Apesar da precariedade desse ambiente, há elementos de afeto em relação à família, como fotos de Fabinho e de Meg.	11:39'
---	--------

As observações da perspectiva metafórica, com relação à Val, retratam predominante:

(a) ansiedade, estresse, tensão nervosa, diminuição de autoestima (Aronsson et al., 2002); (b) preconceitos, violações de direitos, condições adversas de trabalho, problemas de saúde (Silva et al., 2017); (c) sujeição (Antunes, 2018); (d) discriminação racial (bell hooks, 1995), por trás da sublimação dessa personagem que se utiliza de elementos de afeto em relação à criança que ela ajudava a criar e à cachorra que ela cuidava.

Na perspectiva não metafórica os extratos incumbem-se de mostrar, também: (a) ansiedade, estresse, tensão nervosa, diminuição de autoestima (Aronsson et al., 2002); (b) preconceitos, violações de direitos, condições adversas de trabalho, problemas de saúde (Silva et al., 2017); (c) sujeição (Antunes, 2018); (d) discriminação racial (bell hooks, 1995); (e) insegurança no emprego, perda de regalias sociais, salários baixos, descontinuidade nos tempos de trabalho (Sá, 2010). A Tabela 8 apresenta detalhadamente os relatos das trabalhadoras entrevistadas e o suporte teórico às suas falas.

Tabela 8 - Interlocução entre o Trabalho Doméstico e a Precariedade

Extratos da Perspectiva Não Metafórica	Autores
1SP66 Disse que as experiências vivenciadas no trabalho a fizeram sentir angústia, tristeza, humilhação, estresse, raiva, dores no corpo. Relatou não ter recebido adequadamente seus direitos, após a demissão.	Aronsson et al. (2002); Silva et al. (2017); Antunes (2018); Sá (2010).
2SP49 Em diversos momentos afirmou que gosta do que faz e que nunca enfrentou problemas decorrentes da precariedade em seu trabalho - ela não se vê precarizada. O único problema citado por ela foi ter deixado de estudar para trabalhar.	Silva et al. (2017)
3SP64 Disse que se sente cansada, injustiçada, desconsiderada, humilhada. Desenvolveu dores nas articulações e gastrite, por conta do trabalho.	Aronsson et al. (2002); Silva et al. (2017); Antunes (2018)
4SP46 Sentiu-se discriminada, algumas vezes, por conta de sua profissão: tratamento diferente, quarto distante, alimentação distinta. Disse que suas amigas negras sofrem preconceito pela raça.	bell hooks (1995); Silva et al (2017)
5SP53 Relatou que sente que seu esforço/trabalho não é reconhecido. Já experienciou tristeza, estresse e cansaço. Relatou que não pôde estudar, por conta do trabalho.	Aronsson et al. (2002).
6SP51 Teve inflamação nos joelhos, mas, não sabe ao certo se foi por conta do trabalho. Disse que recorrentemente tem sentimentos negativos, graças ao trabalho.	Aronsson et al. (2002); Silva et al. (2017).

7SP38 Teve alergia por conta dos produtos fortes que usa. Relata ansiedade constante, por conta do filho, o qual ela busca na creche e nem sempre consegue sair do trabalho no mesmo horário. Diz que se sentiu humilhada algumas vezes.	Aronsson et al. (2002); Silva et al. (2017); Antunes (2018)
8SP33 Relatou que sente estresse, humilhação e falta de reconhecimento.	Aronsson et al. (2002).
9SP57 Contou um caso no qual se sentiu injustiçada e disse sentir estresse e cansaço.	Aronsson et al. (2002).
10SP63 Relatou ter sido maltratada por um patrão, assediada por outro e discriminada por uma das patroas. Disse já ter sentido humilhação e tristeza, por conta do trabalho.	Silva et al. (2017); Antunes (2018).

O trabalho doméstico remunerado tem se mostrado, ao lado dos trabalhos precários, espaço de fragilização e vulnerabilização dos trabalhadores, desde os períodos que remontam à escravidão, até os dias atuais, acentuadas pela pandemia da COVID-19. No que concerne às repercussões dessa pandemia na atuação dessas trabalhadoras podem-se elucidar: (a) redução da jornada de trabalho; (b) dificuldades financeiras contemplando endividamento e falta de dinheiro para suprir necessidades básicas como alimentação; (c) dilema entre recuperar problemas de saúde e perder o emprego; (d) sentimentos de vergonha e culpa por receber sem trabalhar; (e) cansaço mental por permanecer por três meses na casa da patroa e por não poder retornar, depois da saída, sem a quarentena exigida; (f) perda dos ganhos oriundos de horas extras; (g) perda de remuneração oriunda de outros lares que evitaram as atividades de diaristas; (h) insegurança quanto a cobranças posteriores de remuneração paga sem o trabalho executado durante os períodos de distanciamento social; (i) discriminação, depois de contrair a COVID-19; (j) demissão do único emprego, financeiramente desassistida, em razão da falta de registro em Carteira de Trabalho; (k) vulnerabilidade por pertencer a um grupo de risco; (l) uso de máscaras e álcool em gel, apenas pelas trabalhadoras, sem proteção em relação ao possível contágio oriundo dos patrões.

Ao tratar sobre o trabalho precário, Antunes (2018) sublinhou que são inúmeras as sujeições vividas pela classe trabalhadora. O autor citou, entre outras sujeições, o sofrimento, a desumanização, a individualização e a dissociabilização. Ressalte-se que, essas sujeições podem ter configurações distintas, a depender do gênero do trabalhador.

As Tabelas 9 e 10 exibem os dados sobre o trabalho doméstico e as sujeições, nas perspectivas não metafórica e metafórica, de modo respectivo.

Tabela 9 - Trabalho Doméstico e Sujeições

Extratos da Perspectiva Não Metafórica

1SP66 "Regalia você não tem, liberdade também não, você não tem hora de café, de almoço, de descanso, para nada. Às vezes até para as necessidades fisiológicas tem gente batendo na porta querendo que você venha atender [...] Nessa fase de diarista ela falou assim pra mim: você cuidado, porque nem todo mundo é que nem eu, você vai dar com a cara na porta. Eu fiquei muito triste muito angustiada e chorei muito [...] porque os patrões são muito egoístas, eles querem só pra eles, os pobres, os prestadores de serviço eles pisam em cima e esfregam no chão".

1SP66 "Quando foi no outro dia ele disse assim: cadê o meu dinheiro que estava no meu casaco? Eu falei: isso não é pergunta de se fazer ao funcionário honesto [...]. Eu não sou ladra, se o senhor quiser me levar e fazer vistoria na minha casa, pode ir ver se eu peguei alguma coisa do senhor. Imediatamente ele foi onde eu guardei os casacos e lá, estavam seus 12 mil reais no bolso. Eu fiquei muito triste com o ocorrido".

2SP49 "Fatos que marcaram foram as quedas no serviço, eu sofri alguns acidentes no percurso, mas isso não me deixou desistir de tudo que sempre pensei que era correto. Os patrões foram muito prestativos. Ela disse: fica em casa. Mas eu disse: não, eu não posso ficar em casa, se eu ficar em casa eu vou pirar. Então ia trabalhar, arrastando a perna, mas eu ia".

3SP64 "Quase que eu morro, devido a não levar comida e chegar em casa cansada e não ter coragem de fazer [...] quando eu não levava nada pra comer eu passava o dia inteiro sem comer nada. Levantava atrasada, sem ter tempo de tomar café em casa, lá muito menos. As vezes não tinha dinheiro pra comprar na padaria, tomar um café, e as vezes também não dava tempo. E isso me deu uma gastrite, eu fiquei muito ruim [...] eu continuava trabalhando sem reclamar, pois, eu pensava, e é a realidade, que elas iam me dispensar e ia ficar pior do que estava. Então eu não reclamava, tomava algum remédio pra dor e foi melhorando a dor".

3SP64 "Ela dizia que eu era como se fosse da família dela. E eu acreditava nela, de tão ingênua que eu sou, eu pensava que ela estava falando a verdade. Ela podia fazer isso comigo. O carinho que eu tinha com ela era muito grande, eu até dormia na casa dela quando ela ia viajar pra cuidar das cachorras dela. E ela não teve nenhuma consideração comigo [...] Às vezes até chorava com minhas irmãs, com minha filha, conversava, falava. Então aquilo passava, era coisa passageira, mas a gente nunca esquece, não dá pra esquecer, só não guarda rancor, mas lembra

4SP46 "Principalmente comida, era separado. [...] o quartinho da gente era bem excluído, separado, pequenininho, que mal cabia a gente, [...] eu conheço várias histórias das minhas amigas de discriminação. Tem gente que faz questão do trabalho delas, mas não senta na mesa com eles, é bem discriminado. Os patrões pedem a comida e quem está na casa come o resto. Amigas minhas, que são de cor e que tem mais preconceito. Eu sou branca e muitas vezes, por eu ser branca, eu era diferente. Eu percebia, como elas percebem que são discriminadas, a gente percebe que, por exemplo, a gente encontra alguém no elevador e acha que a gente é irmã da patroa e trata de um jeito. Mas quando percebe que é empregada trata a gente diferente".

7SP38 "Ela não me oferecia uma banana pra eu comer. [...] Porque raramente as pessoas acham que quando fulano trabalha de diarista a pessoa passa fome [...] Então acho que ela (patroa) se viu desse jeito, ela achava que eu não tinha teto pra morar, ela comia na minha frente e não me oferecia nada. Eu tentava tomar café da manhã na hora que eu chegava lá e ela não me chamava pra tomar café com ela. Eu me sentia um lixo. Eu falei: isso tá me fazendo muito mal, eu preciso sair dessa vida, preciso sair da casa dessa mulher, porque eu não dependo dela pra eu sobreviver, eu sai e deixei quieto. Essa é uma das que mais me marcam."

8SP33 "Por ser negra, por trabalhar como doméstica, por comida. Por tantas coisas que é triste falar, porque as pessoas acham que porque elas têm dinheiro elas são donas do mundo [...] é até engraçado, mas aconteceu por causa de um pedaço de pizza. É difícil porque você está trabalhando e não leva marmitta, e quando você vai comer a pessoa fala que não era pra você comer, porque era do filho dela. E eu penso: estou trabalhando aqui o dia todo na sua casa, vou ficar com fome? E esse é um dos motivos que a gente pensa: caramba! Até quando eu vou aguentar isso?"

10SP63 "Uma vez eu recebi um assédio do filho do patrão, ele tinha uns 42 anos, mas eu ignorei. Porque eu estava limpando e ele falou assim pra mim: você percebe que eu estou de cueca? E eu disse: sabe que eu nem percebi, porque você pelado ou vestido eu vejo como meu filho. Outra vez ele perguntou pra mim: você está de sutiã ou está sem? E eu disse pra ele: não te interessa! Quebrei as pernas dele e eu continuo nessa família."

Nessa perspectiva não metafórica podem ser encontradas sujeições sublinhadas por Antunes (2018), tais como sofrimento, desumanização, individualização e dissociabilização, sob as mais diversificadas formas de manifestação entre as entrevistadas.

Tabela 10 - Trabalho Doméstico e Sujeições

Observações da Perspectiva Metafórica
Tempo Inicial da Cena 42:18' Val explica para Jéssica, sentada à mesa, que filha de empregada não pode sentar à mesa dos patrões. Jéssica responde-lhe que eles não são seus patrões.
Tempo Inicial da Cena 1:20:09' Bárbara chama Val para conversar e pede-lhe que Jéssica só transite entre o quarto dos fundos e a porta da cozinha.
Tempo Inicial da Cena 1:20:37' Após tal delimitação imposta por Bárbara, Jéssica vai embora, não obstante a chuva, sob o pedido aflito de Val para cuidar-se e o desejo de boa sorte no vestibular que ocorreria no dia seguinte.
Tempo Inicial da Cena 56:04' Jéssica pede um pouco do sorvete para Val. Ela explica que o sorvete é de Fabinho e que quando eles oferecem alguma coisa é apenas por educação, pois sabem que ela não vai aceitar. Jéssica demonstra não entender/aceitar.
Tempo Inicial da Cena 56:33' Val mostra uma caixa de sorvete para Jéssica e diz: "se for pra tomar sorvete, esse é o nosso".
Tempo Inicial da Cena 18:20' Val tenta conversar com Bárbara sobre Jéssica, que mostra não saber de quem se trata, se dispersa e depois lhe pergunta há quanto tempo não se veem. Val responde que há 10 anos
Tempo Inicial da Cena 19:09' Val volta a falar com Bárbara sobre Jéssica querer vir para São Paulo prestar vestibular e pergunta-lhe se ela poderia ficar um tempo inicial no quarto com ela até arranjam um lugar. Bárbara frisa que Val é praticamente da família e se diz grata por tê-la ajudado a cuidar de Fabinho.
Tempo Inicial da Cena 19:52' Enquanto Val explica a situação, Barbara diz que Jéssica pode ficar na casa o tempo que precisar, mas ao mesmo tempo, pergunta se elas já estão procurando um lugar para ficar.
Tempo Inicial da Cena 1:13:31' No quarto desconfortável nos fundos da casa Jéssica discute com Val, por não aceitar suas sujeições em relação à patroa. Jéssica se indigna com a conformação da mãe e expõe as assimetrias na relação entre Val e a família.
Tempo Inicial da Cena 08:05' Na mesa destinada aos funcionários, Val serve seus colegas de trabalho no almoço. Revelando que serve a todos, como se fosse uma obrigação inata.
Tempo Inicial da Cena 1:18:52' Bárbara encontra Jéssica tomando sorvete na cozinha e diz que é por isso que o sorvete de Fabinho acaba. Val chega e reforça que o sorvete é de Fabinho.
Tempo Inicial da Cena 58:00 Carlos mostra para Jéssica o edifício Copam. Ao receber o agradecimento, Carlos abraça Jéssica e aproveita para beijar seu pescoço. Jéssica desculpa-se e ele se afasta.
Tempo Inicial da Cena 1:11:04' Carlos pede Jessica em casamento, apesar da diferença de idade entre os dois. Isso acontece depois de ele observar e se aproximar fisicamente da moça várias vezes. Jéssica fica sem graça e não sabe o que responder. Quando ela demonstra que não entendeu e nega o pedido, Carlos diz que era uma brincadeira.

Nessa perspectiva metafórica são encontradas as mesmas sujeições sublinhadas por Antunes (2018), tais como sofrimento, desumanização, individualização e dissociabilização, sob acentuadas diferenças de comportamento entre Jéssica e Val. Tais diferenças culminam em ajuda para que Val possa se aperceber do que quer e, efetivamente do que faz com essa ajuda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados coletados, analisados e, discutidos os resultados pelo confronto das proposições teóricas, reforçam os pressupostos de que o trabalho doméstico remunerado é espaço potencial de centralidade, invisibilidade, precariedade e sujeições, tanto na perspectiva não metafórica quanto na metafórica. Reconhece-se, conquanto, que há, entre as trabalhadoras entrevistadas, e as trabalhadoras observadas no filme, aquelas cujas experiências são tidas como gratificantes e cujos salários ultrapassam a média salarial dos brasileiros.

A perspectiva da relação patrão/patroa-trabalhadora é alvo das histórias mais marcantes de sujeição, bem como fonte inesgotável de elementos de precariedade. É fato relatado que algumas dessas trabalhadoras se reconhecem historicamente desassistidas pelo poder público, mas, em esfera individual, questões estruturais são exacerbadas pelos padrões/patroas que se valem do espaço privado e desregulamentado de suas casas para reproduzirem preconceitos, inseguranças e violações de direitos, em meio a essas interlocuções do trabalho doméstico.

Não obstante sejam observadas limitações deste estudo, com as quais essas trabalhadoras não podem representar o trabalho doméstico em nível nacional, as contribuições para os estudos organizacionais podem ser vislumbradas, assim como para o mercado de trabalho e para as próprias trabalhadoras que, a exemplo de Val, possam se abrir para ouvir criticamente as argumentações e tecer a necessária reflexão acerca de suas trajetórias, em cada uma dessas interlocuções. Depreende-se a relevância deste estudo, pelo potencial de contribuição para a mobilização de pesquisas nessa temática e, pela compreensão desse tipo de trabalho em um momento histórico tão particular como o decurso da pandemia da COVID-19.

Para estudos futuros, em relação à parte não metafórica recomenda-se a investigação em outros estados brasileiros. No que diz respeito à parte metafórica, outros filmes ou séries podem ser analisados. Ademais, recomenda-se contrastar as repercussões desse tipo de trabalho com vistas às tipificações do trabalho doméstico: diaristas, mensalistas, informais, formais, babás, cozinheiras, passadeiras, entre outras.

REFERÊNCIAS

- Aronson, G., Gustafson, K., & Dallner, M. (2002). Work environment and health in different types of temporary jobs. *European Journal of Work and Organizational Psychology*, 11(2), 151-175.
- Abílio, L. C. (2020). Plataformas digitais e uberização: globalização de um sul administrado? *Contracampo*, 39(1), 12-26.
- Alvarenga, M. A., Leite, N. R. P., Freitas, A. D. G. & Ruas, R. L. (2017). Capacidades dinâmicas e vantagem competitiva em ambientes de mudanças constantes, à luz da análise do filme 'Recém-Chegada'. *Revista de Gestão – REGE USP*, 24(2017), 35-44.
- Aoki, V. C. G. & Santos, S. S. S. (2020). Film analysis in management: a journey through the metaphors of the concept of leadership. *Revista de Gestão*, 27(2), 119-134. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1108/REGE-08-2018-0086>.
- Antunes, R. (2018). *O privilégio da servidão: um novo proletariado de serviços na era digital*. São Paulo: Boitempo.
- Antunes, R. (2020). *Coronavírus [recurso eletrônico]: o trabalho sob fogo cruzado*. São Paulo: Boitempo.
- Arber, S. (2001). Designing samples. In N. Gilbert (Org.), *Researching social life* (pp. 58-82). London: Sage Publications.
- Ávila, M. B. M, Ferreira. V. (2014). Trabalho produtivo e reprodutivo no cotidiano das mulheres brasileiras. In Ávila, M. B. M, Ferreira. V. (Org.), *Trabalho remunerado e trabalho doméstico no cotidiano das mulheres*, (pp. 13-50). Recife: SOS Corpo.
- Bachelard, G. (1972). *La formation de l'esprit scientifique*. Paris: J. Vrin.
- Bardin, L. (1979). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bernardino-Costa, J. (2013). Controle de vida, interseccionalidade e política de empoderamento: as organizações políticas das trabalhadoras domésticas no Brasil. *Est. Hist.*, 52(26), 471-489.

- Bizarria, F. P. A., Tavares, J. C. S., Brasil, M. V. O., Tassigny, M. M. & Silva, M. A. (2017). O que um filme pode nos ensinar? Estudo observacional e análise do tema sustentabilidade no filme “Os Sem Floresta”. *Desenvolvimento em Questão*, 15(40), 204-229. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.21527/2237-6453.2017.40.204-229>.
- Bordieu, P. (1995). A dominação masculina. *Educação e Realidade*, 20(1), 133-184.
- Brites, J. (2007). Serviço doméstico, desigualdade, gênero e cidadania. In Wolf, C. S., De Faveri & Ramos, T. R. O. *Leituras em rede: gênero e preconceito* (pp. 391-414). Florianópolis: Editora das Mulheres.
- Conceição, E. B. (2009). A negação da raça nos estudos organizacionais. In *XXXIII EnANPAD*. Rio de Janeiro: ANPAD.
- Cooper, D. R. & Schindler, P. S. (2016). *Métodos de pesquisa em Administração*. Brasil: AMGH Editora.
- Coutinho, M. C. (2009) Sentidos do trabalho contemporâneo: as trajetórias identitárias como estratégia de investigação. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 12(2), 189-202.
- Creswell, J. W. (2010). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e mistos*. Porto Alegre: Artmed.
- Denzin, N. K. & Lincoln, Y. (2005) Introduction: the discipline and practice of qualitative research. In: Denzin, N. K. & Lincoln, Y. *The Sage Handbook of Qualitative Research*. (pp. 1-32). Sage Publications.
- Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (2018). *Trabalhadoras domésticas na Região Metropolitana de São Paulo*.
- Engels, F. (2009). *A origem da família, da propriedade privada e do estado*. São Paulo: Centauro.
- Farias, Z. A. (1983). *Domesticidade: “Cativeiro” feminino?* Rio de Janeiro: Achiamé/CMB.
- Ferreira, J. S. (2010). Trabalho em domicílio: cotidiano de trabalhadoras domésticas e patroas. *Caderno Espaço Feminino*, 23(1), 339-360.

- Flick, U., von Kardoff, E., & Steinke, I. (2004). What is qualitative research? An introduction to the field. In Flick, U., von Kardoff, E., & Steinke, I. *A companion to qualitative research* (pp. 3-11). Thousand Oaks: SAGE Publications.
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa* (3a. ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Franco, T., Druck, G., & Seligmann-Silva, E. (2010). As novas relações de trabalho, o desgaste mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho precarizado. *Revista brasileira de Saúde ocupacional*, 122(35), 229-248.
- Gallino, L. (2014). *Vite Rinviatè: lo sacandalo del lavoro precario*. Roma: Laterza.
- Gil, A. C. (2009). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.
- Graham, S. L. (1992). *Proteção e obediência: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro:1860-1910*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Gullane, C., Gullane, F., Ivanov, D. & Muylaert, A. (Produtores) & Muylaert, A. (Diretora). (2015). *Que Horas Ela Volta?* Brasil: Gullane, África Filmes, Globo Filmes & Pandora Filmes.
- Hirata, H & Kergoat, D. (2007). Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, 132(37), 595-609.
- Hooks, B. (1995) Intelectuais negras. *Revista Estudo Feministas*, 3(2), 464- 478.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2019). Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios – Contínua.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2020). *Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios – Contínua*. CoronaVírus – COVID-19.
- International Labour Office (2013). *Domestic workers across the world: global and regional statistics and the extent of legal protection*. Geneva: International Labour Office.
- Kalleberg, A. L. (2009). O crescimento do trabalho precário: um desafio global. *RBCS*, 24(1), 21-30.

Kergoat, D. (2001). Le rapport social de sexe – De la reproduction des rapports sociaux à leur subversion. In *LES RAPPORTS sociaux de sexe, Actuel Marx*, (pp. 85-100). Paris: Presses Universitaires de France.

Kergoat, D. (2003). Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In Emílio, M. et al. (Orgs.). *Trabalho e Cidadania Ativa para as Mulheres*, (pp. 55-64). São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher/PMSP.

Kovács, I. (2004). Emprego flexível em Portugal. *Sociologias*, 6(12), 32-67.

Lei Complementar n. 150, de 17 de julho de 2015 (2015). Dispõe sobre o contrato de trabalho doméstico; altera as Leis no 8.212, de 24 de julho de 1991, no 8.213, de 24 de julho de 1991, e no 11.196, de 21 de novembro de 2005; revoga o inciso I do art. 3o da Lei no 8.009, de 29 de março de 1990, o art. 36 da Lei no 8.213, de 24 de julho de 1991, a Lei no 5.859, de 11 de dezembro de 1972, e o inciso VII do art. 12 da Lei no 9.250, de 26 de dezembro 1995; e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp150.htm.

Le Guillant, L. (2006). Incidências psicopatológicas da condição de empregada doméstica. M. In E. A. Lima (Org.). *Escritos de Louis Le Guillant: da ergoterapia à psicopatologia do trabalho* (pp. 242-286). Rio de Janeiro: Vozes.

Leite, N. R. P., Amaral, I. G., Freitas, A. D. G. & Alvarenga, M. A. (2012). Projetos educacionais e estudos observacionais em análise fílmica: qual o atual status de produção no Brasil? *Revista de Gestão e Projetos – GeP*, 3(3), 215-250.

Leite, N. R. P.; Leite, F. P.; Nishimura, A. T.; Silva, M. A. B. & Santos, E. G. (2021). Film analysis in management research: knowing why and how to use it. *Revista Gestão & Regionalidade*. São Paulo: 37(112), 337-350.

Leite, N. R. P.; Nishimura, A. T.; Silva, M. A. B. & Santos, E. G. (2022). *Análise fílmica em administração: dos processos de insipiência e incipiência até as elucidações em seus aspectos conceituais, metodológicos e de aplicação*. Recife: Instituto de Formação Humana.

- Melo, H. (1998). *O serviço doméstico remunerado no Brasil: de criadas a trabalhadoras* (Texto para discussão, n.565). Rio de Janeiro: Ipea.
- Motta, A. B. (1977). *Visão de mundo da empregada doméstica – um estudo de caso*. Salvador: UFBA/Curso de Pós-Graduação em Ciências Humanas.
- Nogueira, C. M. (2004). *A feminização no mundo do trabalho*. Campinas: Autores Associados.
- Nogueira, C. M. (2010). As relações sociais de gênero no trabalho e na reprodução. *Aurora*, 3(2), 59-62.
- Oliveira, M. P., Mafra, S. C. T., Batista, R. L., & Peluzio, É. A. (2019). Qualidade de vida e envelhecimento bem-sucedido nas relações de trabalho a partir de uma análise fílmica. *Oikos: Família e Sociedade em Debate*, 30(2), 304-321.
- Organização Internacional do Trabalho (2009). *Conferência internacional del trabajo*, 99a Reunión. Informe IV (1) – Trabajo decente para los trabajadores domésticos. Ginebra. Recuperado de https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_norm/---relconf/documents/meetingdocument/wcms_145506.pdf.
- Olinto, G. & Oliveira, Z. L. (2004). Gênero e trabalho precário no Brasil urbano: perspectivas de mudança. Em *Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, 14, Abep.
- Pochmann M. (2001). *O emprego na globalização: a nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu*. São Paulo: Boitempo.
- Riessman, C. K. (2005). Narrative analysis. In C. K. Riessman. *Narrative, memory & everyday life* (pp. 1-7). Huddersfield: University of Huddersfield.
- Rocha, E. K. G. T & Pinto, F. M. (2018). O desafio conceitual do trabalho doméstico à psicologia do trabalho. *Revista de Psicologia*, 30(2), 145-153.
- Sá, T. (2010). “Precariedade” e “trabalho precário”: consequências sociais da precarização laboral. *Configurações. Revista de sociologia*, (7), 91-105.
- Sabino, A. M. & Abílio, L. C. (2019). Uberização: o empreendedorismo como novo nome para a exploração. *Revista Jurídica Trabalho e Desenvolvimento Humano*, 2(2), 109-135.

- Saffioti, H. (1976). *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Petrópolis: Vozes.
- Saffioti, H. (1979). *Emprego doméstico e capitalismo*. Rio de Janeiro: Avenir Editora Limitada.
- Silva, C. L. L., Araújo, J. N. G., Moreira, M. I. C. & Barros, V. A. (2017). O trabalho de empregada doméstica e seus impactos na subjetividade. *Psicologia em Revista*, 23(1), 454-470.
- Silva, J. C., & Moreira, M. Z. (2020). O fenômeno sociocultural no empreendedorismo: um estudo observacional do filme “Saneamento Básico”. Novo Hamburgo: *Revista Conhecimento Online - RCO*, 12(1), 70-89. Recuperado de <https://doi.org/10.25112/rco.v1i0.1783>.
- Stake, R. E. (1999). *Investigación con estudio de casos*. Madrid: Morata.
- Standing, Guy (2011). *The Precariat. The New Dangerous Class*. London: Bloomsbury.
- Teixeira, J. C. (2015). As artes e práticas cotidianas de viver, cuidar, resistir e fazer das empregadas domésticas. Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.
- Teixeira, M. B. M., Galvão, L. L. C., Santos C. M. M. & Carmo, L. J. O. (2021). Women and work: film analysis of most beautiful thing. *Revista de Gestão – REGE*, 28(1), 66-83.
- Vasconcelos, D. A., Machado, D. Q., Moreira, M. Z., Guimarães, D. B., & Silva, L. M. T. (2019). “Walt antes do Mickey”: um estudo observacional das características empreendedoras de Walt Disney. Fortaleza: *Revista Gestão em Análise*, 8(1), 119-135. ISSN 1984-7297 | e-ISSN 2359-618X R.
- Vergara, S. C. (2010). *Projetos e relatórios de pesquisa em Administração*. São Paulo: Atlas.
- Vosko, L. (2010). *Managing the margins: gender, citizenship, and the international regulation of precarious employment*. Oxford: Oxford University Press.
- Vergolino, T. B. (1989). *Maids and mistresses in Recife (Brazil): an analysis of linkages between the formal and informal economy*. Recuperado de <https://www.ideals.illinois.edu/handle/2142/22490>.

Submetido em 15/08/2022
Aprovado em 18/02/2023